

# Eventos de protesto, repertórios organizacionais e dinâmicas de construção do transporte público e gratuito como uma causa pública

**Wilson José Ferreira de Oliveira**

*Professor da UFS*

**Adriella Silveira Fortuna dos Santos**

*Doutoranda da UFS*

Recebido em: 25/08/2016

Aprovado em: 17/04/2017

O artigo examina os eventos, mobilizações e protestos públicos em defesa do transporte público e gratuito em Aracaju, Sergipe. A metodologia consistiu na análise das condições de emergência e transformação dos movimentos sociais em Sergipe, comparativamente com as dinâmicas em curso no contexto político nacional, na realização de entrevistas biográficas com lideranças que exerceram papel de mediadoras e no exame da sequência e do desencadeamento dos eventos de mobilização e protesto. A pesquisa demonstrou que os modelos de organização utilizados na defesa dessa causa têm forte relação com os vínculos estabelecidos entre Estado, movimentos sociais e suas lideranças, confirmando o peso das ligações entre as transformações do contexto político, os repertórios organizacionais dos movimentos sociais, as gramáticas de construção de causas públicas e as lógicas do engajamento individual.

**Palavras-chave:** etnografia política, protestos, movimentos sociais, defesa de causas, transporte público

The article **Protest Events, Organizational Repertory and Dynamics of Public and Free Transport Construction as a Public Cause** examines the events, mobilizations and public protests in defense of public and free transportation in Aracaju, Sergipe. The methodology consisted in analyzing the conditions of emergence and transformation of social movements in Sergipe, in comparison with the dynamics in progress in the national political context, in the conduct of biographical interviews with leaders who played the role of mediators and in examining the sequence and the triggering of events of mobilization and protest. The research showed that the organizational models used to defend this cause are strongly related to the established links between the State, social movements and their leaderships, confirming the weight of the links between the transformations of the political context, the social repertoires of the social movements, the grammars the construction of public causes and the logics of individual engagement.

**Keywords:** political ethnography, protests, social movements advocacy, public transportation

## Apresentação<sup>1</sup>

**E**m 2013, a defesa do transporte público e gratuito recebeu uma atenção destacada por parte dos meios de comunicação, de organizações e grupos estudantis, de movimentos sociais diversificados, de setores governamentais e da população em geral. Os eventos de protesto ocorridos nesse ano foram comparados, quanto ao número de participantes e sua abrangência em diferentes cidades e regiões do país, às principais mobilizações que aconteceram no Brasil desde o processo de redemocratização (MARICATO, 2013; GOHN, 2014; TATAGIBA, 2014). Em consonância com o que estava acontecendo em outras cidades e capitais do país, Sergipe, e particularmente a capital do estado, também foi marcado por uma série de mobilizações e de eventos nesse sentido.

Este artigo examina as mobilizações e os eventos de protesto vinculados à defesa da causa do transporte público e gratuito em Aracaju/SE, entre 2011 e 2013. Contrariamente aos que destacam apenas a novidade dessas mobilizações, como também aos que as veem como simples desdobramento de um ciclo de protesto global (“Primavera Árabe”, “Occupy” etc.), procuramos examinar sua inscrição em mobilizações e lutas locais e nacionais anteriores e, a partir daí, melhor apreender os impactos que os ciclos de protestos de 2013 tiveram sobre a defesa de tal causa. Sendo assim, pretendemos demonstrar que as condições de emergência e as dinâmicas de transformações dessa causa estão estreitamente ligadas a mudanças expressivas no sistema de atores vinculados à sua defesa, nos modelos de organização utilizados e nos tipos de arenas privilegiadas para a condução dos confrontos e reivindicações. Isso porque tal causa passa a ter uma maior organicidade em Aracaju a partir dos anos 2000 com o Movimento Passe Livre (MPL), ainda que esteja inscrita no cenário local e nacional desde meados dos anos de 1970. Em 2010 as manifestações voltam a se intensificar, inicialmente com a Frente em Defesa da Mobilidade e do Transporte Público (Frente) e o Movimento Não Pago (Não Pago). Vale inicialmente observar que o Movimento Não Pago, que liderou as mobilizações e protestos pelo transporte público e gratuito na cidade de Aracaju, foi criado em 2011 em um conjunto de mudanças em curso no contexto político nacional e que dizem respeito às formas de atuação dos movimentos sociais, decorrente de uma maior disponibilidade de recursos técnicos, profissionais, políticos, militantes e escolares de suas lideranças, como também da ampliação de seus vínculos políticos e sociais, com partidos políticos, movimentos sociais, movimento estudantil, sindicatos e centrais sindicais.

O material utilizado como fonte de informação resultou da coleta de dados variados. Em primeiro lugar, da catalogação de notícias de eventos de protestos em jornais impressos de circulação local, como o Jornal da Cidade, Jornal de Sergipe, Jornal do Dia, Infonet e Cinform, entre o período de 1980 até 2013 e nas redes sociais do MPL, da Frente e do Não Pago (blog, site e Facebook). Buscamos, com base nessas fontes, coletar informações sobre quem eram as lideranças dos movimentos que pautavam a causa do transporte público e seu perfil, quais eram os espaços públicos ocupados pelos movimentos, ou seja, onde faziam as manifestações, e onde se reuniam. Além disso, classificamos os modelos de organização, as causas defendidas pelo movimento, bem como os repertórios de ação utilizados pelos seus organizadores. Em segundo lugar, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as principais lideranças do Não Pago na época. Todas as entrevistas foram realizadas na Universidade Federal de Sergipe (UFS), local tanto de articulação política do Movimento quanto de formação acadêmica dos entrevistados. Com as entrevistas foi possível coletar informações tanto sobre o modelo de organização, as causas defendidas e os repertórios, quanto sobre a trajetória militante e política das lideranças. Como será explorado mais

adiante, percebemos a ligação direta entre essas lideranças e o MPL e entre elas e os partidos políticos. Em terceiro, temos a observação participante que foi feita durante o período de 2011 até 2013 em nove manifestações de rua<sup>2</sup> que tiveram como pauta principal a defesa da causa do transporte público na cidade de Aracaju. Foram realizadas duas observações indiretas no mês de outubro de 2013, em manifestações que fizeram parte de uma campanha do Movimento Não Pago intitulada “Outubro Negro - Rumo à tarifa zero”. Como o próprio título já indica, o foco da campanha era a defesa da gratuidade da tarifa do transporte público. Os protestos foram realizados em praças públicas localizadas no centro comercial de Aracaju, na Câmara de Vereadores, também localizada neste endereço, em terminais rodoviários e nas principais avenidas da cidade.

### **Uma causa, várias organizações e diversas lutas**

As reivindicações pelo transporte público não se reduzem aos protestos de junho de 2013. Para dar conta de como a causa em defesa do transporte público e gratuito foi construída e se transformou consideravelmente nos últimos anos, torna-se necessário um exame de diferentes eventos de protesto em defesa da causa no decorrer do tempo. Tal exame evidencia mudanças consideráveis em termos das principais organizações e lideranças que atuaram e deram apoio e sustentação à causa, das redes institucionais das quais fazem parte e das características de seus associados e militantes.

Nesse sentido, observa-se que algumas manifestações em defesa do transporte público se destacaram no cenário nacional desde meados dos anos de 1970. É o caso do movimento pelo transporte público de 1976-1982, ressaltando-se o quebra-quebra de trens (MOISÉS, 1985; GOHN, 2007). Do mesmo modo, na década de 1990 encontramos formas alternativas de ação vinculadas ao transporte, como é o caso das mobilizações dos “perueiros” como um meio de transporte alternativo, e no sistema de cargas pesadas, a ação dos “caminhoneiros” (GOHN, 2011). No âmbito local, durante as décadas de 1980 e 1990 ocorreram também algumas manifestações de rua, assim como se formaram alguns comitês em defesa de melhorias no transporte público e contra os reajustes nas tarifas de serviço. Esses comitês eram constituídos por movimentos de juventude, partidos políticos e sindicatos.

Uma análise dos principais jornais de circulação local<sup>3</sup>, entre o período de 1980 até 2013, mostrou que as principais reivindicações estavam vinculadas a reajustes salariais e a serviços públicos (nesse caso, entra o transporte público, mas com muito mais força os serviços de saúde, saneamento básico, educação e segurança pública). Além destas, se destacaram também as ações pela reforma agrária, principalmente, a partir da atuação do Movimento Sem Terra (MST) nas

décadas de 1980 e 1990. Já na década de 1990, as ações de grupos e movimentos reivindicando questões de gênero, questões raciais, direitos da mulher e de liberdade sexual começam a se destacar, intensificando-se a partir do segundo semestre do ano 2000. Dentre as organizações mais atuantes entre os anos de 1980 e 1990 estão os sindicatos, os partidos políticos, o movimento estudantil e o MST. Nesse sentido, pode-se dizer que o Movimento Estudantil Universitário, o Movimento Sindical dos Professores e o dos Petroleiros e Mineiros de Sergipe e MST são os principais movimentos do estado nesse período e os que mais contribuíram para a consolidação de diversas lideranças na política institucional e eleitoral (COSTA, 2009).

Desse modo, quando nos voltamos para a causa do transporte público e gratuito entre os anos de 1980 e 1990, observamos que ela está associada a um conjunto de organizações e reivindicações que emergiram no país no período da redemocratização. É a partir desse contexto de emergência de várias lutas que podemos perceber certas modificações em termos das organizações e lideranças que estavam envolvidas com a causa, como também dos espaços de manifestação privilegiados e do tipo de demanda específica com relação ao transporte. Ele possibilita também uma melhor apreensão das continuidades e rupturas dos modelos de atuação e das redes de apoiadores em torno dessa causa nos anos 2000.

Nesse sentido, uma das primeiras manifestações em que a luta estudantil em Aracaju aparece associada à reivindicação pelo transporte público foi um ato público ocorrido em 1981, o qual reivindicava a criação de uma linha de ônibus para o recém-criado Campus Universitário, localizado em São Cristóvão, uma cidade próxima da capital Aracaju (CRUZ, 2012). Nesse período, a reivindicação pelo transporte para os estudantes conduziu à criação de uma comissão composta pelo então presidente do Diretório Central dos Estudantes (DCE), representante do Partido dos Trabalhadores (PT), vereadores, deputados estaduais, além de representantes da Associação Nacional do Ensino Superior, da Associação dos Moradores do Bairro América, da Associação dos Docentes da UFS e da Tribuna Operária. É pertinente salientar que dentre as questões, a redução da tarifa é a que mais mobiliza ações por partes dos atores envolvidos com a causa.

Outro aspecto relevante dessas primeiras mobilizações e protestos é a ação articulada do movimento estudantil com partidos políticos e movimento sindical. Isso fica evidente quando se examina a trajetória política de uma das principais lideranças desse período, o então presidente do DCE da UFS, Edvaldo Nogueira Filho. Sua atuação no movimento estudantil esteve desde o início diretamente articulada à sua atuação partidária como membro da direção nacional e presidente estadual do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) (1984/2000), ocupando alguns cargos na política partidária, como vereador de Aracaju (1988/1992; 1993/1997), vice-prefeito da capital (2001-2004; 2005-2006) e prefeito (2006-2008; 2009-2012; 2017-2020). Outro evento que demonstra essa forte

articulação do movimento estudantil com a política partidária foi uma passeata ocorrida em setembro de 1987 em protesto aos aumentos das passagens de ônibus. Liderada pelo então presidente do PCdoB no estado, Edvaldo Nogueira, e pelo presidente do DCE da UFS, José Augusto de Góis, tal ato contou com forte presença de estudantes e membros do Pcdob e acabou em confronto com a polícia, além da prisão das duas principais lideranças da passeata.

Tais eventos ilustram o quanto a luta estudantil e a atuação político-partidária estavam articuladas nesse período, não sendo consideradas contraditórias ou mesmo opostas, tal como se observou nos eventos de 2013. Pelo contrário, ainda que tal relação constantemente fosse tensa, nos anos de 1980 a reconstrução partidária ocorreu com base em "redes densas e entrelaçadas" de movimentos sociais diversificados (MISCHE, 2008). Nesse sentido, observamos que os agentes envolvidos no apoio e na consolidação da causa do transporte público e gratuito durante o período de 1980 e 1990 no estado de Sergipe não eram indivíduos sem experiências e sem redes de contato em movimentos sociais e partidos políticos. Pelo contrário, tratava-se de lideranças que atuavam na política partidária e associativa e também disputavam cargos na prefeitura e na Câmara de Vereadores, sendo lideranças que posteriormente se tornaram dirigentes de sindicatos e partidos políticos do estado e, mesmo, do país. Nesse sentido, pode-se dizer que durante a década de 1980 a causa do transporte público e gratuito era objeto de disputas simultaneamente estudantis e partidárias.

Como desdobramento dessas mobilizações no âmbito local e nacional, foi criado nesse período o Comitê dos Transportes Coletivos. Ele fazia parte de uma campanha nacional contrária ao aumento de imposto pelo governo federal por meio do Decreto-Lei do governo José Sarney. Em função disso, foi realizado um Ato de Protesto na Praça da Catedral, em Aracaju, que era um dos espaços privilegiados pelos movimentos sociais do estado para realizar protestos públicos. Nos informativos da campanha, a "rua" já aparece como um espaço em que se pode reivindicar.

(...) tendo em vista que dentro de alguns dias vão nos empurrar mais um aumento, que poderá deixar a tarifa ainda mais cara de Cz 9,00 [nove cruzados], estamos alertando a população para que se prepare para mostrar na rua, que não vai aceitar tal abuso, tanta provocação. Só unidos na rua é que venceremos (COMITÊ DOS TRANSPORTES COLETIVOS, 1988).

Essa valorização da rua como espaço público de protesto e de reivindicação contra o aumento das passagens está associada também a demandas políticas contra o governo federal e a campanha pelas "Diretas Já". No material informativo e de divulgação da campanha contra o aumento das passagens, havia um desenho de várias pessoas segurando cartazes, e dois homens segurando uma grande faixa com a seguinte frase: "Abaixo os Aumentos Abusivos nos Transportes. Fora Sarney - Diretas 88!" (COMITÊ TRANSPORTES COLETIVOS, 1988). Do mesmo modo, nos jornais

impressos do DCE/UFS da época observa-se que as manifestações relacionadas ao transporte público aparecem agregadas a uma luta geral por melhoria nos serviços públicos fornecidos pelo estado.

Quando se examina a emergência do transporte público e gratuito como uma causa pública, observa-se que ela teve como base o apoio, a atuação e a sustentação de diversas organizações e lideranças vinculadas simultaneamente ao movimento estudantil, a partidos políticos, a sindicatos e a associações. É em relação a tais organizações que se definem as redes institucionais e as características sociais e políticas de suas principais lideranças. Nesse sentido, cabe destacar a limitação de estudos que analisam as ações coletivas vinculadas às reivindicações pelo transporte público com base apenas nos protestos e mobilizações promovidos pelo MPL a partir dos anos 2000 e, principalmente, dos protestos de junho 2013. O mesmo vale para aqueles que reduzem a defesa de tal causa ao “capital militante” e às “lógicas do engajamento individual” das principais lideranças que atuaram a partir de tal organização. Em ambos os casos, desconsideram-se as dinâmicas próprias de emergência, de consolidação e de transformação da causa em sua articulação com diversas organizações e lutas políticas e sociais que estavam já há algum tempo inscritas no cenário nacional e local.

### **Do Fórum Social Mundial ao Não Pago**

As mobilizações e manifestações em defesa da causa do transporte público na cidade de Aracaju anteriores aos anos 2000 eram periódicas e centralizadas, principalmente, pela ação de organizações e representantes do movimento estudantil universitário da UFS, de trabalhadores sindicalizados e de lideranças de partidos políticos. Foram quase sempre estes os atores que organizaram comissões para reivindicar, entre outras coisas, a meia passagem para os estudantes, o passe-livre para os desempregados e o aumento da frota (SIQUEIRA, 1983). Todavia, a partir dos anos 2000, ainda que estes mesmos atores estivessem quase sempre presentes, já é possível verificar o surgimento de outras organizações e lideranças, representando “coletivos” de gênero e de cultura, bem como jovens que se apresentavam como “militantes independentes”.

Nesse sentido, pode-se dizer que a partir dos anos 2000 há uma diversificação das organizações e atores que passam a se organizar e se manifestar de forma mais sistemática e contínua em torno da reivindicação do transporte público e gratuito e, principalmente, da redução da tarifa, da tarifa zero para estudantes e pela mobilidade urbana (SANTOS, 2014). Essa diversificação observada no âmbito local ocorreu também no contexto nacional no tocante às dinâmicas e formas de participação política dos jovens brasileiros nos anos 2000, em comparação com o que foi observado nas décadas anteriores (ABRAMO e BRANCO, 2005; BORELLI e OLIVEIRA, 2010; MISCHÉ, 2007; 2008).

De um lado, a criação de novas organizações nacionais e estaduais de representação dos estudantes contribuiu para a diversificação das formas de participação na defesa de causas estudantis e de atuação no próprio movimento estudantil. Como é sabido, ao longo da história do movimento estudantil a União Nacional dos Estudantes (UNE) teve por muito tempo o privilégio de ser a entidade que representava o movimento estudantil brasileiro. Todavia, mais para o final dos anos 1990, ela começa a perder espaço como órgão de representação dos estudantes. Isso se deve, em parte, ao surgimento de diversos movimentos de juventude e de vários coletivos voltados às temáticas de gênero, sexualidade, cultura, em defesa do transporte público e do passe livre, etc. (SANTOS, 2016).

Nesse sentido, um dos primeiros cursos a buscar autonomia em relação a suas formas de representação foi o movimento estudantil de serviço social (MESS), que em 1993 se desvincula da UNE. O movimento estudantil universitário, já a partir da década de 1980, começava a buscar formas alternativas aos modelos de organização e às formas de atuação utilizadas pela UNE. Contudo, é apenas a partir da década de 1990 que a UNE de fato começa a perder espaço em relação à representação dos estudantes, uma vez que novos grupos, entidades, coletivos, surgem com propostas que agradam um perfil “menos institucionalizado” e de orientação “apartidária” (MESQUITA, 2003; 2008; MISCHÉ, 2008).

Em relação a isso cabe salientar o surgimento, em 2009, da Assembleia Nacional dos Estudantes Livres (Anel). Ela surge a partir de estudantes universitários e secundaristas que já não reconheciam a UNE como uma entidade representativa da categoria dos estudantes. Em consonância com outros grupos que surgem nesse período, ela coloca-se como alternativa ao modelo de organização “institucionalizado” e “burocrático” da UNE, e procura resgatar o “protagonismo” do Movimento Estudantil em relação às lutas e mobilizações políticas do período. Desse modo, novas formas de organização surgem em oposição às formas de organização mais tradicionais. Novos atores políticos buscam espaço nas arenas de reivindicação da universidade e na defesa da causa da educação como um todo, colocando sempre em xeque os processos políticos de reforma educacional e universitária.

O “Rompendo Amarras” surgiu em Sergipe por volta de 2009, época em que também surge a Anel, e se desfez por volta de 2012, em decorrência de conflitos e divergências internas. Ele foi um movimento de caráter nacional que teve um papel significativo nos anos de 2009 e 2010, quando conseguia articular vários grupos à luta estudantil. As duas entidades eram contrárias à UNE e se utilizaram de repertórios de ação direta. Com uma nova proposta de entidade “livre” de políticos e de vínculos políticos com a reitoria, a Anel se define como “uma entidade LIVRE, de amarras com o governo e com reitorias” (ANEL, 2013). Ela é composta por jovens, em sua maioria estudantes que são militantes e filiados ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU)

e alguns que se definem como militantes independentes. Além disso, eles se articulam com militantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e do Movimento Não Pago, fazendo oposição ao movimento Levante Popular da Juventude (LPJ), ao Coletivo Quilombo e à UNE, os quais são filiados ou militantes do PT e da Consulta Popular.

Além da oposição entre estes movimentos se manifestar de forma bastante nítida nas disputas para a direção do DCE, ela também se expressa na luta e defesa da causa do transporte público e gratuito. Isso ficou mais evidente em 2016 quando houve, por um lado, as manifestações lideradas pelo Movimento Não Pago e seus aliados, ficando conhecidas como a “Frente Contra o Aumento da Passagem 2016”, e, por outro lado, a campanha, manifestações e abaixo-assinados liderados pelo LPJ e seus aliados, também conhecidos como “Campanha pelo Veto Popular Contra o Aumento da Tarifa de Ônibus em Aracaju/SE”.

Isso evidencia que a causa do transporte deve ser compreendida em um contexto mais amplo de disputas e transformações, envolvendo mudanças na participação da juventude, nas organizações representativas estudantis e nas relações entre partidos políticos, movimentos estudantis e movimentos sociais. Essa maior diversificação das organizações de representação dos estudantes foi acompanhada também pela emergência no âmbito nacional de várias organizações promovendo e apoiando as manifestações contra o aumento das passagens do transporte público.

Exemplifica isso, primeiramente, o protesto de 2003 na cidade de Salvador/BA, também conhecido como a “Revolta do Buzu” (SANTOS, 2014; MARICATO et al., 2013; GOHN, 2013). Essas manifestações deram início a um debate sobre a situação do transporte público nas cidades brasileiras e ao surgimento de movimentos sociais formados, sobretudo, por jovens estudantes. No ano seguinte, em 2004, outra manifestação que também foi importante para o fortalecimento e difusão da reivindicação do transporte público e gratuito ocorreu em Florianópolis/SC, e ficou conhecida como “Revolta da Catraca Livre”.

Assim, o início dos anos 2000 caracteriza-se pelo surgimento de novas organizações de representação e de defesa dos estudantes, ampliando as fissuras no âmbito das próprias organizações de representação. Acrescente-se a isso a emergência daquelas vinculadas à defesa da causa do transporte público e gratuito, como é o caso do MPL e dos fóruns em defesa do transporte. Por fim, e não menos importante, foi a articulação dessas organizações e lutas a fóruns e encontros internacionais, como é o caso dos encontros do Fórum Social Mundial, que mobilizaram jovens vinculados a organizações e movimentos sociais bastante heterogêneos, tais como: grupos socialistas, coletivos anarquistas, movimentos gay e feminista, ecologistas, o movimento estudantil independente e grupos defensores de direitos humanos variados (BORELLI e OLIVEIRA, 2010; CORADINI, 2009).



É no âmbito dessas mudanças nas formas de organização do movimento estudantil, como também de suas relações com partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais diversos, que surge oficialmente o MPL no V Fórum Mundial Social em 2005. Esse movimento teve uma atuação mais expressiva no estado de Sergipe, particularmente em Aracaju, marcando o início das mobilizações em defesa da tarifa zero por meio da realização de debates de conscientização sobre a mobilidade urbana e o passe-livre, como também de cursos de formação política. Além disso, ele fazia atos simbólicos com enterros de figuras políticas locais e nacionais, repertório já tradicional de vários movimentos sociais que atuam em Aracaju.

As mobilizações do MPL na cidade de Aracaju foram muito importantes para a consolidação da causa, uma vez que suas principais lideranças continuaram a atuar de forma independente no estado até 2010, quando registramos a última atualização do blog local do movimento. Sua importância se deu, em primeiro lugar, pela difusão de repertórios de organização em defesa da tarifa zero semelhantes aos que já estavam sendo feitos em outros estados. Em segundo, na formação política de jovens estudantes universitários e também secundaristas, por meio de debates e cine debates, tendo como discussão principal a tarifa zero, o transporte público gratuito, a realidade do transporte público brasileiro e a mobilidade urbana. Em terceiro lugar, no estabelecimento de uma rede de articulação política entre movimentos sociais que defendiam diferentes demandas (trabalhistas, culturais, de gênero, educacionais etc.), mas que viam na defesa da tarifa zero um denominador comum, uma identidade comum entre esses diferentes grupos. Por fim, na circulação de repertórios de ação, bem como no uso de novos espaços de atuação como a internet, por meio de blogs, como espaço de manifestação e também de organização das mobilizações na cidade.

Desse modo, o padrão de intervenção em defesa da causa do transporte público e gratuito estava centrado em ações de conscientização sobre a tarifa zero e, de forma mais ampla, sobre o transporte público e a mobilidade urbana em Aracaju e no Brasil. Suas intervenções públicas se caracterizam, principalmente, pelo caráter artístico e simbólico, utilizando-se de atividades lúdicas e da dramaturgia durante os atos públicos e passeatas, com o intuito de chamar a atenção da população e do Estado para a causa defendida.

Tal movimento teve também um papel importante na formação política de jovens em torno da causa em Aracaju. Segundo as palavras de uma de suas lideranças, ele foi de grande relevância para “iniciar um debate mais profundo a respeito das condições do transporte público” na cidade, sobretudo no que corresponde ao direito ao passe livre e à mobilidade urbana. Nesse sentido, o MPL estabeleceu uma espécie de “modelo de atuação” que marcou o ingresso e a intervenção de muitos militantes vinculados à causa do transporte público e gratuito. Por isso, apesar da diminuição da ação do MPL em Aracaju a partir de 2008, os “repertórios organizacionais” que ele

colocou em prática tiveram um impacto importante nas organizações e nas mobilizações em torno da causa. Nesse sentido, entre o segundo semestre de 2010 até o segundo semestre de 2013, algumas mobilizações e protestos públicos vinculados exclusivamente à defesa do transporte público e gratuito começam a tomar conta das principais ruas e praças de Aracaju, tendo como principais representantes duas novas organizações: a Frente em Defesa da Mobilidade Urbana e do Transporte Público de Sergipe e o Movimento Não Pago.

A Frente em Defesa da Mobilidade e do Transporte Público em Aracaju surgiu no início de 2010, a partir de um conjunto de entidades<sup>4</sup> que articulavam militantes de sindicatos, centrais sindicais, partidos políticos, movimentos estudantis, movimentos sociais diversificados e aqueles que se definiam como independentes. Sua atuação foi mais expressiva entre os anos de 2010 e 2012, tendo como *slogan* “Não Pago” e a reivindicação de redução para a tarifa zero. Tal como o MPL, ela esteve relacionada à formação de uma rede de articulação política em torno da causa, à formação política de jovens e à construção de um cenário favorável para o surgimento de novos movimentos sociais em favor dessa causa na região. Seus repertórios organizacionais incluíam atos públicos, passeatas, panfletagens e reuniões, organizando-se normalmente no início do ano, quando era anunciado o aumento da tarifa do transporte público.

Os movimentos e organizações que formavam a Frente defendiam pautas como a de moradia, trabalhista, estudantil etc., e tinham concepções diferentes sobre a questão da redução e gratuidade da tarifa do transporte público. Essa diversidade de reivindicações favorecia certa massificação das manifestações de rua e dos atos públicos, o que era algo positivo para a representação e o poder de pressão do movimento sobre as empresas de ônibus, a Câmara de Vereadores e a Prefeitura de Aracaju. Todavia, essa diversidade de causas, reivindicações e interesses dos atores e de suas respectivas organizações dificultava a organização e a coesão da Frente.

O surgimento e a atuação da Frente evidenciam a importância das organizações e redes preexistentes à ação coletiva e que são componentes relevantes do agenciamento que as caracterizam (CEFAÏ, 2009). Nesse sentido, observa-se que a mediação e a articulação com organizações prévias constituem condições fundamentais tanto para o surgimento de tal organização quanto para os eventos de protestos que ocorrerão em 2013, quando ela já não existia mais. Isso porque a atuação da Frente contribuiu de formas variadas para a defesa da causa do transporte público e gratuito. Em primeiro lugar, o caráter heterogêneo da Frente permitiu aos militantes “independentes” estabelecer redes e laços no movimento estudantil universitário da UFS, com a inserção prévia ou simultânea em partidos políticos como o PSOL, PSTU e PCB. Em segundo, os recursos financeiros, humanos, materiais, simbólicos e políticos mobilizados pela Frente durante sua atuação foram incorporados pelo Movimento Não Pago, que passou a liderar

a defesa de tal causa com a desarticulação da Frente. Por fim, com a “desarticulação” da Frente em 2011, já estava posto um cenário mais favorável para os militantes se organizarem em torno da causa do transporte público, da redução da tarifa e pela mobilidade urbana em Aracaju, uma vez em que o debate tinha sido incorporado por outras organizações políticas e havia se formado uma rede de militantes e de mediadores da causa em vários espaços, como universidade, associações de bairro, partidos políticos, Câmara de Vereadores etc.

Desse modo, pode-se dizer que o MPL e a Frente, apesar de certas diferenças quanto à sua composição e formas de atuação, colocaram em prática alguns repertórios organizacionais que se repetiam, como é o caso dos atos públicos e das reuniões. Além disso, as lideranças que participaram de forma ativa tanto do MPL quanto da Frente estiveram também na direção do Movimento Não Pago. Assim, fruto da desarticulação da Frente e da articulação de militantes que atuavam no MPL e em outros movimentos e sindicatos, o Movimento Não Pago surge em 2011 e passa atuar de forma articulada com as organizações que faziam parte da Frente, tornando-se a principal organização a dar continuidade e sustentação à defesa da causa do transporte público e gratuito no estado de 2011 em diante, com base na mobilização das redes estabelecidas e nos recursos diversificados para sustentar suas ações. Um exemplo disso é o financiamento de xerox dos panfletos distribuídos pelo Não Pago durante suas manifestações e os espaços cedidos por sindicatos ou centrais sindicais para o movimento realizar eventos como reuniões ou seminários<sup>5</sup> de formação política (SANTOS, 2014).

Outro ponto crucial diz respeito aos militantes ditos “independentes”, ou seja, aqueles que atuavam na Frente mas que não estavam vinculados a nenhuma entidade que fazia parte da mesma. Essa questão é interessante porque, durante as entrevistas, as observações participantes, bem como nas leituras feitas na própria página do movimento no Facebook e nos jornais eletrônicos (Infonet), notamos que esses militantes atuavam em centros acadêmicos dos seus respectivos cursos, que não eram filiados a partidos políticos, ainda que atuassem neles, e alguns tinham experiências de militância diversificada e uma formação escolar e profissional relevante para a criação e consolidação do Movimento Não Pago.

Como podemos ver, os anos 2000 foram marcados por transformações significativas em relação às principais organizações e lideranças que atuavam, davam apoio e sustentação às mobilizações, eventos e campanhas de defesa do transporte público e gratuito. Tais aspectos influenciaram o surgimento e os desdobramentos das principais organizações e lideranças que estiveram à frente dos eventos de protesto que marcaram o junho de 2013 em Sergipe.

Se a múltipla militância e a reivindicação de diferentes causas constituem uma constante da luta estudantil desde os anos de 1980 (MESQUITA, 2003; 2008; MISCHÉ, 1996; 1997; 2008), a

forma como isso passou a ocorrer modificou-se consideravelmente a partir dos anos 2000. Sem dúvida, nas últimas décadas as formas de participação política dos jovens se transformaram consideravelmente, uma vez que os espaços em que eles atuam, bem como suas lógicas de engajamento e de atuação têm se caracterizado por uma maior heterogeneidade e diversificação. Isso provocou certo distanciamento em relação aos modelos de anteriores de organização e de atuação do movimento estudantil, conduzindo a uma busca pela criação de novas organizações e coletivos, bem como por outros espaços de mobilização.

### **O Não Pago, os protestos de 2013 e a continuidade da luta**

Como demonstrado nos tópicos anteriores, transformações organizacionais significativas no âmbito do movimento estudantil e de suas relações com partidos políticos e movimentos sociais variados contribuíram para a emergência e inovações nas formas de atuação e na defesa de determinadas causas – entre elas, a causa do transporte público e gratuito. Nesse sentido, pode-se dizer que a Frente em Defesa da Mobilidade e do Transporte Público de Aracaju e o MPL criaram as condições prévias para que novas organizações e atores se mobilizassem e se manifestassem em defesa do transporte público e da mobilidade urbana em Sergipe. A participação de alguns militantes que posteriormente fundaram o Movimento Não Pago nessas duas organizações possibilitou-lhes acumular conhecimentos e experiências importantes para a continuidade de sua atuação na defesa da causa. Contudo, é sabido também que alguns desses militantes já estavam vinculados a outros espaços de militância e tais vínculos não eram necessariamente fruto de sua participação naqueles dois movimentos, como é o caso da militância no movimento estudantil universitário e secundarista, em torcidas organizadas, sindicatos e partidos políticos (SANTOS, 2014).

Como já observamos anteriormente, essa militância em diversos tipos de organizações e movimentos sociais não constitui uma exclusividade da lógica individual do engajamento das lideranças do Não Pago. Trata-se, antes, de um dos traços característicos da diversificação organizacional dos espaços e formas de atuação dos jovens a partir dos anos de 1980 e 1990 e de suas relações com a expansão e descentralização da escolarização que resultou na dispersão e diversificação das redes de sociabilidade, das formas e dos espaços de militância dos estudantes nos anos de 1990 e 2000 (MISCHE, 1997; 2008). Sem dúvida, a análise de como se deu a inserção de suas lideranças nesses espaços de militância preexistentes e diversificados, constitui um dos fatores pertinentes para a compreensão de como eles conseguem acionar redes e modelos de

organização diferenciados. Todavia, é pela forma como tais atuações se combinaram com as práticas e os modelos organizacionais colocados em ação pela Frente e pelo MPL que se pode apreender certas características próprias do Não Pago.

Nesse sentido, os representantes do Não Pago buscaram se diferenciar tanto do MPL quanto da Frente em termos de repertórios de organização, dos espaços de atuação, articulação política etc. Exemplifica isso o lançamento de um vídeo no Youtube, no dia 25 de dezembro de 2011, com o título “O transporte Público Coletivo em Aracaju - Movimento Não Pago!”. Este vídeo tem como objetivo apresentar a realidade do transporte público de Aracaju, bem como apresentar o Não Pago como um movimento social. As estratégias de divulgação e de mobilização do movimento partiram tanto das mídias sociais on-line, como Facebook, Youtube, Blog, Tumblr e Orkut, como também de formas mais tradicionais, como panfletagens e sessões de debates. Conforme pode ser observado nas narrativas abaixo, os militantes reconheciam a importância do MPL e da Frente, contudo enfatizam que a heterogeneidade de causas dificultava o êxito da mobilização:

– Quando eu seguia o MPL, a gente tentou realizar atos. 2009, 2010, 2011... Atos contra o aumento da passagem. E em si não tinha um efeito considerado, né?! Não incomodava de fato o poder público para chamar atenção. Já a gente não conseguia denunciar alguma irregularidade que a gente já visualizava; não conseguia de alguma forma dar uma vida e não conseguia trazer a população para próximo dessa luta do transporte público de qualidade. (...) Estas articulações dos outros movimentos, cada movimento tinha a sua leitura sobre o transporte e estas leituras não vinham dando, não vinham acrescentando na luta. É pela gratuidade, pela redução da passagem. Aí foi também algo que norteou e a gente avaliou que era necessário ter um movimento específico, popular, mais do que isso, para agregar todos os setores do transporte (Entrevista com o coordenador do Movimento Não Pago).

O Movimento Não Pago surge, portanto, no segundo semestre de 2011, com o lançamento do vídeo no Youtube, como mencionado anteriormente. Conforme apresentado na narrativa de seus integrantes, a pauta e a forma de atuação e de intervenção do Movimento são as mesmas do MPL, porém este último movimento não conseguiu “vingar” na cidade porque, segundo um integrante, sua organização não era “proporcional a uma organicidade dos militantes”. Assim, o Movimento Não Pago mobilizou repertórios de ação utilizados anteriormente tanto pelo MPL quanto pela Frente, como, por exemplo, passeatas, intervenções artísticas e dramáticas, atos públicos, assembleias gerais, reuniões, abaixo-assinados e cine debates. No entanto, diferentemente deles e das demais organizações anteriores, eles integraram outros espaços de atuação, como é o caso de algumas periferias de Aracaju. Além disso, por meio da mediação de lideranças que eram vinculadas a outros movimentos sociais e ocupavam cargos eletivos na

política partidária, o movimento conseguiu falar durante uma assembleia pública na Câmara dos Vereadores e apresentar o laudo técnico que embasava a redução do preço da passagem. Outro repertório de ação muito explorado foi a mobilização on-line a partir das mídias sociais, que no MPL e na Frente já eram utilizadas, porém de forma pouco representativa.

Como ressalta Tilly (2010), é preciso analisar um movimento social interligando-o com outros setores da sociedade, pois mesmo que as redes de apoiadores não constituam o movimento em si elas têm um papel importante na difusão e expansão do movimento. Nesse sentido, cabe salientar que um dos apoiadores importantes do Não Pago em Aracaju foram os motoristas e cobradores do transporte público, que têm um histórico de luta na cidade de Aracaju, com grandes paralisações e greves, sempre lutando por melhores condições de trabalho e reajuste salarial. O Movimento Não Pago, nos anos de 2012 e 2013, apoiou as paralisações feitas pelos rodoviários, salientando que eles sofriam com o descaso das empresas que gerenciavam o transporte público de Aracaju e Grande Aracaju (SANTOS, 2014). Isso permitiu ao movimento se inserir em outro espaço de atuação, como também ganhar o apoio não apenas dos trabalhadores, mas de seus familiares e amigos.

A diminuição da tarifa do transporte público de Aracaju sempre foi a demanda central do Movimento. No entanto, essa pauta está associada a uma série de questões que envolvem a causa da mobilidade urbana e demais reivindicações ligadas ao âmbito do transporte público, como por exemplo, o aumento das linhas que interligam as diferentes regiões da cidade ao campus universitário, que fica na cidade de São Cristóvão – reivindicação esta que, como salientamos anteriormente, é feita desde 1983, conforme pode ser observado nesse texto retirado do blog do movimento:

(...) a tarifa é apenas a ponta do iceberg – ainda que, mesmo assim, a disputa sobre seu preço seja causa suficiente para revoltas populares e trabalhistas de proporções invulgares. Nesse sentido, é importante enxergar a paralisação dos rodoviários como um dos fatores de avaliação de todo o sistema. Os trabalhadores rodoviários sofrem os desmandos da classe patronal, principalmente, por falta de um sindicato forte e atuante além da ausência do Poder Público, por meio de Conselho Municipal, que fiscalize os donos das empresas(...) Chamamos também a responsabilidade do ministério público do trabalho e da OAB para que atuem junto aos rodoviários nesse caso. Estamos focados na luta contra o aumento da passagem, mas não deixaremos de lado as outras pautas que temos apresentado à sociedade: a defesa dos trabalhadores rodoviários é uma delas. A nossa luta contra o aumento e em defesa dos empregos é uma só, é a luta de classes. E sabemos que estamos, usuários e rodoviários, do mesmo lado, o lado dos trabalhadores e dos explorados<sup>6</sup>.

A redução da tarifa era a causa comum a todos os movimentos que apoiavam o Não Pago, pois, como se observou nos atos públicos, os estudantes, jovens – principalmente da periferia –,

desempregados e trabalhadores exigiam a redução, pois precisavam diariamente do meio de transporte para trabalhar, estudar, procurar emprego ou mesmo para o lazer, o que demonstra que essa reivindicação era básica e extremamente necessária para essas categorias. Alguns políticos de partidos de esquerda também se articulavam com o movimento em torno dessa reivindicação. Segundo militantes e lideranças do Não Pago, o movimento não tem vínculo formal com nenhum partido político e não levanta bandeiras de partidos, porém se articula com os partidos de esquerda, a saber, PSOL, PSTU e PCB. Além disso, alguns militantes do movimento militam em partidos políticos. Um bom exemplo disso é o caso de um dos seus fundadores que se candidatou a vereador de Aracaju nas eleições de 2012 pelo PSOL e sua mãe se candidatou a governadora do estado pelo mesmo partido.

No que pese a anterioridade da organização e das mobilizações realizadas pelo Não Pago no estado e, mais especificamente, em Aracaju, a dinâmica dos protestos realizados em junho de 2013 no Brasil e em Sergipe tiveram um impacto relevante sobre a atuação da organização e das formas de defesa da causa do transporte público e gratuito. Assim, analisando o período entre 2011 e 2013, podem-se distinguir três momentos na trajetória do movimento.

O primeiro momento corresponde à sua fase inicial, no segundo semestre de 2011, quando ele se torna “independente” da Frente. Segundo os próprios militantes, o Não Pago constrói suas regras, seu discurso e suas formas de representação a partir desse momento. Quando o movimento era vinculado à Frente, o modelo organizacional e as formas de atuação eram delineados pelo conjunto de entidades que o compunha, sendo que cada entidade tinha uma leitura particular sobre formas de intervenção pública e também sobre as reivindicações no âmbito do transporte público. É a partir desse momento que o movimento consegue se organizar de forma mais unificada e sólida, uma vez que passa a traçar princípios de atuação próprios e se aprofunda no estudo da legislação sobre o transporte público da cidade de Aracaju e Grande Aracaju. Apesar dos atores ainda não disporem de muitos recursos e não contarem com espaço na mídia televisionada, foi um momento no qual os militantes estavam mobilizando suas redes e recursos disponíveis, como as mídias sociais.

O segundo momento, em 2012, foi quando o movimento conseguiu impedir o aumento da tarifa do transporte público. Esse acontecimento possibilitou que ele ganhasse espaço na mídia, reconhecimento da população, como também o crescimento do número de seus militantes. Uma das preocupações e desafios do Não Pago nesse período era tanto dialogar com os vereadores para que não ocorressem os aumentos quanto realizar manifestações de rua, conscientizar a população e fortalecer sua organicidade por meio de estudos e debates sobre o transporte público e a mobilidade urbana. Nesse sentido, ele se preocupou em ampliar suas redes de relações, definir

suas pautas, regras e princípios, como também diversificar seus repertórios de ação diante das situações que lhe iam sendo impostas, como pôde ser observado nos eventos de protesto por ele organizados. Em alguns desses eventos foi possível ver os manifestantes acorrentados nos portões do Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros de Aracaju (Setransp), além da queima de pneus nas entradas dos terminais rodoviários e de mortes simbólicas de vereadores e do prefeito, que eram contra a redução da tarifa. Segundo os entrevistados, essas formas de ação só eram utilizadas quando as reuniões e o diálogo com representantes do estado não ocorriam.

Por fim, o terceiro momento diz respeito a 2013, mais especificamente ao mês de junho, quando acontecem os “Acorda Aracaju”<sup>7</sup> e o Movimento Não Pago se torna porta-voz dessas manifestações. O ciclo de protestos de junho de 2013, em âmbito nacional, proporcionou mais visibilidade à causa do transporte público e gratuito no âmbito local por meio dos “Acorda Aracaju”, organizados pelo conjunto de movimentos sociais, tendo como protagonista o Movimento Não Pago. Nos dois primeiros “Acorda” foi possível perceber uma maior participação da população e uma heterogeneidade de pautas e atores políticos, o que não ocorreu nos três últimos eventos, quando bandeiras de partidos políticos e centrais sindicais começaram a se ampliar durante as manifestações. Essas manifestações constituíram um momento distinto na trajetória do Movimento: por um lado, pelo seu protagonismo, legitimidade e reconhecimento para atuar como porta-voz durante essas manifestações. Por outro, por ter ampliado suas redes e ter à disposição mais recursos materiais e simbólicos, bem como o reconhecimento junto à mídia televisionada (mesmo que tenham sido reconhecidos de forma negativa em alguns momentos). Por fim, pelas transformações na forma de organização do movimento e pelo aumento do número de participantes após este ciclo de protestos, chegando a contar com cerca de trinta militantes atuando de forma orgânica no movimento.

Durante os “Acorda Aracaju” era possível ver como as redes do Movimento se articulavam: partidos políticos, sindicatos e centrais sindicais apoiavam o Movimento ao disponibilizarem trio elétrico durante as manifestações (algo que a população não apoiou durante o primeiro “Acorda”). Em uma observação participante feita após os “Acorda Aracaju”, durante uma manifestação realizada pelo Movimento Não Pago, ficou clara esta ação recíproca entre estes atores políticos. Nessa manifestação, as bandeiras das centrais sindicais não só estavam mais presentes que as bandeiras do Movimento Não Pago como seus representantes também falavam mais com a população do que os representantes do Movimento. Em seu discurso, as centrais sindicais mobilizavam a população para comparecer a um ato que iriam organizar na semana seguinte ao ato que estava acontecendo, e é interessante destacar em sua fala o fato de que sempre ressaltavam a importância do Movimento Não Pago e a sua presença na manifestação que estava sendo organizada.



Por meio da visibilidade que o movimento conquistou depois dos “Acorda Aracaju”, ele passou a atuar também como mediador de causas que não eram vinculadas inicialmente ao transporte público, como por exemplo, problemas vinculados à infraestrutura. Isso fez com que ele se inserisse em novos espaços e também ampliasse os laços com outras organizações e movimentos sociais, uma vez que outras entidades viram o potencial de articulação e de representatividade que o Movimento estava tendo na cidade de Aracaju.

## **Conclusões**

O processo de redemocratização do Brasil constitui um período importante para a compreensão da diversificação das organizações, dos espaços e das formas de ação dos movimentos sociais. As organizações, as causas e os repertórios de ação se ampliaram com maior intensidade a partir de alguns eventos de protestos nacionais como as “Diretas-Já”, o “Fora Collor”, entre outros, na medida em que possibilitaram o ingresso de novos militantes e lideranças em diferentes movimentos sociais. Assim, diversas organizações, lideranças e causas passaram a fazer parte das mobilizações e protestos a partir dos anos 2000 tanto no contexto nacional quanto local, de modo que diferentes movimentos sociais passaram a mobilizar uma rede de vínculos que envolvem partidos políticos, sindicatos, ONGs, centrais sindicais, movimentos sociais, organizações nacionais, dentre outros, dispondo de recursos materiais, escolares, humanos e financeiros que conduziram suas lideranças a negociarem com representantes do Estado as suas reivindicações.

No âmbito do movimento estudantil, essa modificação na composição social das organizações e das lideranças trouxe à tona novas concepções e práticas sobre o papel e o lugar do movimento estudantil no cenário político e na defesa das reivindicações dos estudantes. De um lado, isso se revelou por meio de mudanças nas formas de atuação do próprio movimento estudantil, por meio da criação de novas organizações de representação dos estudantes. De outro, resultou na emergência de novas organizações promovendo e apoiando as manifestações contra o aumento das passagens dos transportes públicos. Como exemplo disso, observou-se que o Movimento Não Pago, que liderou as mobilizações e protestos pelo transporte público e gratuito na cidade de Aracaju, é uma organização recente, criada em 2011. Todavia, suas lideranças desenvolveram habilidades militantes e engajamento na causa a partir da experiência militante que tiveram no MPL, que atuou de forma sistemática em Sergipe entre 2003 e 2007. Tal participação influenciou na construção da causa do transporte público e gratuito como um problema público e nos repertórios de ação utilizados pelo Não Pago. A Frente em Defesa da Mobilidade e do Transporte Público de Aracaju, atuante entre

2010 e 2012, também foi determinante para o desenvolvimento e consolidação do Movimento Não Pago, uma vez que disponibiliza de uma rede diversificada de movimentos estudantis, sindicatos, partidos políticos etc.

Tais estruturas de mobilização e os repertórios de ação por elas colocados em prática foram mobilizados pelas lideranças do Movimento que faziam parte daqueles dois movimentos, assim como experiências pessoais, recursos profissionais, escolares e de militância, além das redes pessoais construídas em outros espaços de atuação. Nesse sentido, a atuação do Movimento Não Pago contou ainda com relações estabelecidas por suas lideranças com militantes e dirigentes vinculados à esfera político-partidária, sindicatos, frente de esquerda, dentre outros, que mediavam as ações do movimento nas manifestações de rua ou em reuniões na Câmara de Vereadores de Aracaju.

Os modelos de organização e de intervenção pública postos em prática na defesa dessa causa têm uma forte relação com os tipos de vínculos estabelecidos entre estado, movimentos sociais e as lideranças desses movimentos. Com base nisso, as lideranças do Movimento mobilizaram um conjunto de recursos que permitiram sua organização de forma diferenciada do MPL e da Frente: o múltiplo engajamento por parte de algumas lideranças que possibilitou ao Movimento a diversificação de suas formas de atuação tanto com relação aos seus opositores quanto no recrutamento e na permanência dos militantes na organização; a maior diversidade de recursos profissionais e escolares de algumas lideranças que permitiu ao movimento ganhar legitimidade e credibilidade diante dos seus opositores, quando estes fizeram um laudo técnico e o divulgaram para toda população. O movimento contava também com diversos profissionais como advogados, geógrafos, publicitários, jornalistas etc., o que lhe permitia economizar financeiramente com determinados gastos de *marketing* e com a defesa de militantes presos, bem como com aulas e palestras sobre cidade e mobilidade urbana. De maneira particular, os eventos de protesto ocorridos em junho de 2013, que em Aracaju ficaram conhecidos como “Acorda Aracaju”, possibilitaram ao Movimento novas oportunidades para ampliação de suas redes e para o recrutamento de novos militantes, bem como para uma maior visibilidade nos meios de comunicação locais que o representavam como porta-voz das manifestações ocorridas nesse período na cidade.

Este estudo confirma o desafio de se considerar de forma relacional as características sociais dos atores individuais e as dinâmicas de construção das organizações e das próprias mobilizações e protestos. Nesse sentido, observamos que a diversificação das organizações e das formas de representação e de defesa das causas estudantis esteve associada a mudanças nas dinâmicas organizacionais e nas práticas de defesa da causa do transporte público e gratuito. Em consonância com isso, surgem novas organizações para promover e sustentar os protestos e

mobilizações em defesa da redução da tarifa dos transportes coletivos, como também os atores passam a mobilizar recursos diferenciados que possibilitam a criação de novas formas de atuação. Além disso, a sequência e os desdobramentos dos eventos de mobilização e protesto afetam as dinâmicas de ingresso de novos quadros militantes e lideranças, como também as redes e vínculos construídos com as organizações atuantes. Nesse sentido, ainda que as lideranças do Movimento Não Pago contassem com conhecimentos e experiências prévias à sua criação, as formas de ação desenvolvidas antes e durante os eventos do ciclo de protesto de junho de 2013 possibilitaram a ampliação de seus vínculos e de suas próprias intervenções.

---

## Notas

<sup>1</sup> Esse artigo é uma versão modificada do trabalho apresentado na 39ª Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), realizado entre 26 e 30 de outubro de 2015, Caxambu/MG. A pesquisa que deu origem a esse trabalho está sendo financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Universidade Federal de Sergipe (UFS). Tipos de Financiamento: Capital, Custeio, Bolsa de Iniciação Científica. Agradecemos aos comentários e sugestões de Rebecca Abers, Marcelo Kunrath da Silva e Marisa Von Bülow, organizadores do GT.

<sup>2</sup> As observações foram feitas nas seguintes datas: 28/02/2013 “2,52 NÃO DÁ!!! por um transporte público de qualidade!!!”; 12/04/2013 “Manifestação Contra o Aumento da Passagem”; 15/05/2013, “Ato Não Pago”. O primeiro “Acorda Aracaju” ocorre em 20/06/2013; o segundo em 25/06/2013; o terceiro em 27/06/2013; o quarto em 02/06/2013; e o quinto e último ocorre em 11/07/2013. Em 21/03/2014, “Manifestação Contra o Aumento da Passagem, 2,71 Não Pago!!!”.

<sup>3</sup> Jornal da Cidade, Jornal de Sergipe, Gazeta de Sergipe, Jornal do Dia, Cinform e Infonet.

<sup>4</sup> Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Cimento, Cal, Gesso e Cerâmica no Estado de Sergipe, Sindicato Unificado dos Trabalhadores Petroleiros, Petroquímicos, Químicos e Plásticos nos Estados de Alagoas e Sergipe, Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Nossa Senhora do Socorro-Sergipe, Central Única dos Trabalhadores, CSP-Conlutas, Conselho de Segurança do Lamarão, Barricadas Abrem Caminhos, Levante Popular da Juventude, Geografia na Luta/UFS, Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, Assembleia Nacional dos Estudantes Livre, Centro Acadêmico de Educação Física/UFS, Centro Acadêmico Caio Amado/UFS, Conselho de Residentes/UFS, Consulta Popular, Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado, União da Juventude Comunista e Partido Socialismo e Liberdade.

<sup>5</sup> Os Seminários de Formação Política e Organização do Movimento Não Pago: o primeiro ocorreu em setembro de 2011; o segundo no primeiro semestre de 2012; o terceiro foi em, 10/11/2012; e, por fim, o quarto em 27/07/2013.

<sup>6</sup> Ver (on-line) em: <http://movnaopago.blogspot.com.br/>

<sup>7</sup> O primeiro “Acorda Aracaju” ocorre em 20/06/2013; o segundo em 25/06/2013; o terceiro em 27/06/2013; o quarto em 02/06/2013; o quinto e último Acorda Aracaju ocorreu em 11/07/2013.

## Referências

- ABRAMO, Helena Wendel [e] BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). (2005), Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo, Fundação Perseu Abramo.
- BEZERRA, Marcos O. (2009), “A política e o popular: Reflexões sobre militância e ações coletivas”. *Antropolítica*, nº 23, pp. 11-14.
- BORELLI, Silvia Helena Simões [e] OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. (2010), “Jovens urbanos, cultura e novas práticas políticas: Acontecimentos estético-culturais e produção acadêmica brasileira (1960-2000)”. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, Vol. 15, nº 50, pp. 57-69.
- BRITES, Jurema [e] FONSECA, Cláudia (orgs.). (2006), *Etnografias da participação*. Santa Cruz do Sul, Edunisc.
- CEFAÏ, Daniel. (2009), “Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva”. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Vol. 2, nº 4, pp. 11-44.
- \_\_\_\_\_. [e] TROM, Danny. (2011), *Les formes de l'action collective: Mobilisations dans des arènes publiques*. Paris, EHESS.
- CLEMENS, Elisabeth S. (2010), “Repertórios organizacionais e mudança institucional: Grupos de mulheres e a transformação da política nos EUA, 1890-1920”. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 3, pp. 161-218.
- CORADINI, Odaci L. (2009), “Os participantes e promotores do Fórum Social Mundial e as bases do militância”. *Revista Antropolítica*, nº 26, pp. 219-243.
- COSTA, Joana D’Arc. (2009), *Dos movimentos sociais às funções institucionais: A consolidação de uma geração política em Sergipe*. Dissertação (mestrado), PPGCS, UFRN.
- CRUZ, José de Souza. (2012), *Da autonomia à resistência democrática: Movimento estudantil, ensino superior e a sociedade em Sergipe, 1950-1985*. Tese (doutorado), PPGH, UFBA.
- GOHN, Maria da Glória. (1991), *História dos movimentos e lutas sociais: A construção da cidadania dos brasileiros*. São Paulo, Loyola.
- \_\_\_\_\_. (2014a), *Sociologia dos movimentos sociais*. São Paulo, Cortez.
- \_\_\_\_\_. (2014b), *Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo*. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. (2014c), “A sociedade brasileira em movimento: Vozes das ruas e seus ecos políticos e sociais”. *Caderno CRH*, Vol. 27, nº 71, pp. 431-441.
- JUDENSNAIDER, Elena; LIMA, Luciana; ORTELLADO, Pablo [e] POMAR, Marcelo. (2013), *Vinte centavos: A luta contra o aumento*. São Paulo, Veneta.
- KOOPMANS, Ruud [e] RUCHT, Dieter. (2001), “Protest Event Analysis”. Em: KLANDERMANS, Bert [e] STAGGENBORG, Suzanne. *Methods of Social Movements Research*. Minnesota, The University Minnesota Press, pp. 231-259.
- MARICATO, Hermínia. (org.). (2013), *Cidades rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo, Boitempo.

- MEMMI, Dominique. (1985), “L’engagement politique”. Em: GRAWITZ, Madeleine [e] LECA, Jean (ed.). *Traité de science politique – Vol. 3 : L’action politique*. Paris, PUF, pp. 310-366.
- MESQUITA, Marcos Ribeiro. (2003), “Movimento estudantil brasileiro: Práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 66, pp. 117- 149.
- \_\_\_\_\_. (2008), “Cultura e política: A experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n° 81, pp. 179-207.
- MISCHE, Ann. (2008), *Partisan Publics: Communication and Contention Across Brazilian Youth Networks*. Princeton, Princeton University Press.
- \_\_\_\_\_. (1997), “De estudantes a cidadãos: Redes de jovens e participação política”. *Revista Brasileira de Educação*, n° 5, pp. 134-150.
- OLIVEIRA, Wilson José F. (2013), “A arte de resistir às palavras: Inserção social, engajamento político e militância múltipla”. Em: SEIDL, Ernesto [e] GRILL, Igor Gastal (orgs.). *As ciências sociais e os espaços da política no Brasil*. Rio de Janeiro, FGV, pp. 141-178.
- \_\_\_\_\_. (2008a), “Gênese e redefinições do militantismo ambientalista no Brasil”. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Vol. 51, n° 3, pp. 751-777.
- \_\_\_\_\_. (2008b), “Engajamento político, competência técnica e elites dirigentes do movimento ambientalista”. *Revista de Sociologia e Política*, Vol.16, n° 30, pp. 167-186.
- \_\_\_\_\_. (2009), “Abertura política, militância múltipla e protestos públicos em defesa de causa ambientais”. *Caderno CERU, Série 2, Vol. 20, n° 1*, pp. 233-239.
- SANTOS, Adrielma Silveira dos. (2014), “Movimento Não Pago: Emergência e condições de representação no cenário público de Aracaju/SE”. *Monografia (graduação), Ciências sociais, UFS*.
- \_\_\_\_\_. (2016), *Movimento estudantil universitário: Modelos de organização, redes sociais e engajamento individual (2000-2015)*. Dissertação (mestrado), PPGS, UFS.
- SIQUEIRA, Paulo José. (21/12/1983), “Alves fala sobre questão dos ônibus e não agrada comissão”. *Jornal da Cidade, Política local*, pp. 1-3.
- SILVA, Marcelo Kunrath; PEREIRA, Matheus Mazzilli [e] ARAUJO, Gabrielle Oliveira de. (2011), “Dinâmicas da ação coletiva: Análise de eventos de protesto no estudo dos repertórios associativos”. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia, Recife, PE.
- SNOW, David [e] TROM, Danny. (2001), “The Case Study and the Study of Social Movements”. Em: KLANDERMANS, Bert [e] STAGGENBORG, Suzanne (org.). *Methods of Social Movements Research*. Minnesota, The University Minnesota Press, pp. 146-172.
- TATAGIBA, Luciana. (2014), “1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil”. *Política & Sociedade*, Vol. 13, n° 28, pp. 35-62.

**WILSON JOSÉ FERREIRA DE OLIVEIRA**

([etnografia.politica@gmail.com](mailto:etnografia.politica@gmail.com)) é professor do Departamento de Ciências Sociais (DCS), do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPG) da Universidade Federal de Sergipe (UFS, Brasil). Possui doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),

Porto Alegre, Brasil), mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFRGS e bacharelado e licenciatura em ciências sociais pela mesma universidade.

**ADRIELMA SILVEIRA FORTUNA DOS SANTOS** ([adrielmac.s@gmail.com](mailto:adrielmac.s@gmail.com)) é doutoranda e mestra pelo PPGS da UFS. Possui graduação em ciências sociais pela mesma universidade.